



JÔ SOARES

**ASSASSINATOS NA
ACADEMIA
BRASILEIRA DE
LETRAS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



O PAIZ

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1923

Suplemento

Literário

Extraordinário o successo alcançado pelo último livro do senador Beluário Bezerra, o excellente "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras".

Como já assinalou esta columna, a obra conta, com muito humor e verve, a história de um mallogrado poeta decidido a vingar-se dos membros da Academia Brasileira de Letras, pois, por duas vezes, os

4

illustres acadêmicos negaram-lhe aquelles tão cobiçados votos que o acclamariam como "Immortal".

Irônieamente, êste trabalho, que vem coroar uma carreira illuminada por innúmeros successos, deve credenciar inda mais o inspirado auctor para occupar uma cadeira na prestigiosa instituição. Aliás, a de número déz, uma das mais attrahentes daquelle Olympo literário, et pour cause: a cadeira número déz teve Ruy Barbosa como fundador.

Escriptor de estylo atrevido e innovador, Bezerra é também um dos políticos

mais

influentes

da

República,

tendo

sido

eleito

successivamente senador por Pernambuco.

Beluário Bezerra mudar-seá, n'êste mez, do Grande Hotel para o recém-inaugurado hotel

Copacabana Palace.

QUARTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1924

ANTEVÉSPERA DA IMORTALIZAÇÃO

Ao sair do chuveiro às nove horas da manhã, o senador Beluário Bezerra examinou-se no grande espelho do banheiro da suíte no último andar do Copacabana. Aprovou com um sorriso a imagem que o cristal bisotado lhe devolvia: apesar dos cinquenta anos, a ginástica sueca praticada diariamente deixava-o com aparência de quarenta. Tinha a convicção de que, além do seu barbeiro, ninguém notava que devia os cabelos negros como azeviche a Auréole, uma nova tinta inventada por Eugène Schueller, fundador da L'Oréal, que ele comprava regularmente em Paris. Penteava-os para trás, imaculados, com brilhantina Yardley. Não fosse o sotaque carregado e o indefectível terno branco de linho S-120, passaria por um legítimo latin lover do cinema americano. Bem merecera o apelido de Rodolfo Valentino da Zona da Mata. Seus inimigos abreviaram a alcunha para Valentino da Zona. Todos sabiam que Belizário freqüentava os salões das cafetinas mais requintadas do Rio de Janeiro. Ninguém tinha coragem de pronunciar a forma reduzida do apelido na presença dele. O senador era valente e jamais se separava da sua Parabellum, nem mesmo nas sessões do Senado.

Sua família, dedicada ao cultivo da cana e às usinas de açúcar desde os tempos de Maurício de Nassau, era proprietária de metade da Zona da Mata pernambucana, devastada pela agricultura canavieira, e exercia influência política sobre a outra metade. A valentia dos

5

Bezerra em Pernambuco era lendária, forjada ainda na luta contra os holandeses. Considerado por muitos o melhor partido do Rio de Janeiro, eram quase audíveis os suspiros das moças de sociedade quando, nos saraus, ele dizia alguns poemas. Vaidoso como poucos, Belizário nunca se furtava a declamar seus versos pouco inspirados. Diga-se a bem da verdade que os dotes literários dele não chegavam a causar impressão. Sem sua fortuna e influência política, jamais teria sido publicado.

O sucesso de vendas dos livros era creditado, em grande parte, ao próprio autor, que comprava várias edições por intermédio dos secretários e mandava distribuir entre os empregados das suas herdades e usinas. Noventa por cento dos peões eram analfabetos, mas guardavam os livros num relicário ao lado da Bíblia Sagrada. Mesmo assim, o acadêmico pernambucano Euzébio Fernandes, cujos dotes de poeta só se igualavam aos de articulador, garantira a eleição do senador para a Academia. O poder dos Bezerra estendia-se muito além das fronteiras de Pernambuco. Eram freqüentes as visitas que Beluário fazia ao presidente Arthur Bernardes quando saía do Lamas depois do jantar, indo a pé do restaurante, no largo do Machado, até

o palácio do Catete. Ademais, a quantia que doara para ajudar nas instalações da nova sede no Petit Trianon suavizara a imparcialidade dos acadêmicos. O fato de tratar-se da cadeira

número 10, que pertencera a Ruy Barbosa, um dos mais notáveis membros fundadores, acrescia honra maior ao evento.

Beluário Bezerra andava esfuziante como um adolescente. Vestiu um dos quarenta ternos brancos do guarda-roupa e saiu do hotel no seu Hispano-Suíza conversível pela avenida Atlântica, assobiando um frevo do último Carnaval de Olinda.

VAIDADE DAS VAIDADES, TUDO É VAIDADE!

O destino do senador era a oficina do alfaiate Camilo Rapozo, no centro da cidade, para os últimos retoques no fardão que usaria dali a dois dias, na noite da posse. O alfaiate esperava-o desde segunda-feira, mas o senador só chegara do Nordeste na terça.

Rapozo era o último representante do ateliê de sua família: filho único, não pretendia renunciar à solteirice apenas para perpetuar através da prole a alfaiataria fundada por seu tataravô António Gomes Rapozo, em Lisboa, artífice de cortes e costuras da corte portuguesa e alfaiate do marquês de Pombal. O avô, Apolinário Rapozo, recebera o título de artífice-alfaiate-mor de Sua Majestade e

6

chegara ao Brasil trazido por d. João m, que não lhe dispensava os talentos.

Aos trinta e seis anos, Camilo era um homem musculoso, de tez morena e olhos oblongos, herança dos mouros que ocuparam a península Ibérica. A cabeça, raspada à navalha, ressaltava-lhe o formato oval do rosto. Durante anos, o topo fora parcialmente coberto por poucos cabelos, que ele deixava crescer de um lado até a altura dos ombros e penteava para o outro, por cima do crânio, numa vã tentativa de ocultar a calvície precoce. Fixava o laborioso emaranhado com gomina argentina, que, quando seca, transformava as ralas madeixas numa carapaça negra.

O vento era seu pior inimigo. Certa vez, quando se dirigia a pé para casa, uma ventania levantou o tampo construído a duras penas com os fios escassos. Foi nesse momento aviltante que o alfaiate resolveu se livrar do inútil penteado.

Sua maior vaidade era a unha desproporcionalmente longa no dedo mindinho da mão direita. Havia um motivo profissional para aquela discrepância: a unha era uma ferramenta de trabalho, pontiaguda como um pequeno punhal. Rapozo seguia o hábito dos grandes alfaiates de Lisboa, que a usavam para marcar correções no pano quando da primeira prova. Com a concisão de um compasso, ele traçava círculos perfeitos, calcando a ponta afiada na trama dos tecidos ingleses.

Camilo conhecia os segredos da confecção de uniformes, fardões, redingotes e casacas, segredos que vinham sendo transmitidos por sua família havia dois séculos. Pela prática do ofício, sabia, como poucos, quais os vieses e outros cortes oblíquos que davam um caimento impecável à camurça de lã inglesa do fardão. Incomparáveis as costuras com fio de ouro

francês, o remate dos galões, o leve preguado das passamanarias, o conforto provocado pelo recorte milimétrico das cavas e, o mais difícil, o peitilho encimado

por

um

colarinho

rígido,

soberbo,

porém

inacreditavelmente confortável.

Não menos importante era a exatidão do gancho das calças, com folga aconchegante à esquerda e o cóis na altura certa. Conhecendo o poder calórico dos quitutes do chá das cinco, o alfaiate de mãos mágicas conseguia esconder, sem prejudicar o corte e os ornamentos, sobras de fazenda dobradas em plissês e bainhas falsas, o que permitia alargar a vestimenta acompanhando a corpulência sedentária dos imortais.

Tantos talentos transformaram Camilo Rapozo no alfaiate oficial da Academia Brasileira de Letras.

ALFAIATARIA DEDAL DE OURO

A PROVA DE UM HÁBITO QUE FAZ O MONGE

Beluário Bezerra apertou a campainha, e Camilo, numa reverência, abriu a porta para o celebrado cliente. O alfaiate vestia-se com apuro e trazia presa ao pulso a tradicional almofadinha povoada por dezenas de alfinetes. Empunhava um exemplar do Assassinatos na Academia Brasileira de Letras.

- Será que, antes de experimentar o fardão, o senador pode me dar um autógrafo? - pediu Rapozo, correndo, com livro e caneta, atrás de Beluário, que se dirigia a passos largos para a cabine de prova. Indiferente, sem dizer uma palavra, Bezerra rabiscou seu nome numa caligrafia ilegível.

- Vai demorar? - perguntou. - Tenho reuniões no Senado.

- Não, não! Vou já buscar. Está belíssimo, uma obra-prima!

Também, o físico do senador ajuda muito... - disse o alfaiate, adulator.

Largou a caneta e o livro no balcão, e seguiu, com passos miúdos, até os fundos da alfaiataria. Voltou de lá trazendo nos braços o fardão como se fosse a capamagna do papa.

- Nem vai precisar de retoques. E de longe o meu melhor trabalho. No afã de se vestir, Bezerra pôs logo a parte superior, o que provocou o risinho dissimulado do alfaiate. Vendo-se no espelho, Beluário percebeu o motivo da chacota: lá estava ele de cuecas e imortal da cintura para cima.

-Vamos com isso que eu não tenho o dia todo - disparou, irritado. Realmente nada havia a corrigir. A vestimenta sublinhava o porte altivo de Beluário Bezerra. Embevecido, o escrevedor imaginava-se aceitando a nomeação num constrangimento simulado. Aproveitando o momento de enlevo do senador, Camilo atreveu-se:

- E quanto ao pagamento, Imortal? - perguntou, tratando-o pelo título ainda não oficializado. Será que tarda?

-Você sabe muito bem que é costume o governo do estado natal do escritor oferecer o fardão. Não me meto nisso - respondeu Beluário ríspidamente.

Obvio que Bezerra poderia pagar o vestuário. Embora caríssimo, não era mais do que ele gastava numa noitada com os amigos nos bordéis de luxo das Laranjeiras. Se não o fazia, era apenas por uma questão de vaidade. Era praxe, uma lei não escrita: o estado do imortal morria com a conta do alfaiate. Só que Rapozo não se

conformava. Já lhe deviam vários fardões, com a desculpa de que a verba saíria dos cofres públicos.

- Tenha paciência, seu Rapozo! - diziam. - E a glória de ser o homem que veste a Academia?

- Glória não enche a barriga dos meus filhos retrucava Camilo, que não os tinha nem pretendia tê-los.

O senador dirigiu-se para a saída.

- Entregue amanhã no meu hotel.

Enquanto o alfaiate abria a porta pensando no seu provável prejuízo, Bezerra deu-lhe um envelope. Rapozo animou-se, antevendo a gorda propina.

- É um convite para a posse - explicou, magnânimo, o futuro imortal, estendendo o cartão. Venha ao hotel antes pra ajudar a me vestir.

- Claro, Excelência. Obrigado, Excelência...

Ao cruzar a soleira, Beluário virou-se rapidamente.

- Ah! Antes que eu me esqueça. - Inclinando-se, passou a mão na cabeça lisa do alfaiate. - É pra dar sorte... - esclareceu, e saiu batendo a porta.

O imperturbável mestre alfaiate suspirou, engolindo mais uma vez a humilhação que sentia quando o usavam como amuleto. Sim, porque Camilo Rapozo era anão.

Filho, neto e bisneto de anões alfaiates, todos perfeitos, como os sete da Branca de Neve.

SEXTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1924

A POSSE DO IMORTAL

Em 1923, o governo francês, por meio do seu embaixador Alexandre Conty, doou à Academia uma réplica do Petit Trianon de Versalhes, edifício construído um ano antes, na avenida Presidente Wilson, no centro da cidade, para abrigar o pavilhão da França na Exposição do Centenário da Independência. Nessa noite abrasadora de abril darse-ia a primeira posse de um imortal na nova sede. O Salão Nobre estava mais quente ainda devido à quantidade de pessoas famosas que se apinhavam no local. Graças ao prestígio do senador, além dos acadêmicos, havia deputados, outros senadores e o ministro da Viação e Obras Públicas. Sérgio Loreto, governador de Pernambuco, mandara representante. Senhoras elegantes tentavam afastar o calor com leques rendados de hastes de madrepérola. Vinham presenciar a noite de glória do inefável beletista.

9

Um alarido ecoou pela sala, saudando a chegada do futuro imperecível. Belizário Bezerra, o Rodolfo Valentino da Zona da Mata, assemelhava-se a um imperador de opereta. O colar banhado de ouro e o espadim lavrado aprimoravam essa aparência. A tez queimada pelo sol do Nordeste fundia seu rosto com o verde e o dourado do esplêndido vestuário. Carregava, sob o braço, o chapéu bicorne emplumado, e percorreu o salão debaixo de aplausos, apertando mãos úmidas entre as luvas brancas. O andar de Beluário tinha a firmeza marcial dos militares e a graça dos bailarinos. À sua passagem ouviam-se exclamações arrebatadas: "Quel panache!",

"Quelle allure!". Um desavisado que desconhecesse a ocasião e o visse

passar

assim

paramentado

seguramente

perguntaria,

inclinandose num salamaleque: "Sois rei?". A noite anunciava-se auspiciosa. Bezerra seria acolhido na Casa de Machado de Assis por seu mais empenhado cabo eleitoral e conterrâneo do Recife, o poeta Euzébio Fernandes. A competência inegável que Euzébio demonstrava para a lisonja exigida pelas circunstâncias não lhe diminuía o talento de escritor. Era poeta maior, admirado por Bilac e por outros freqüentadores da Livraria Garnier.

Nessa noite ele envergava uma sóbria casaca preta. Afirmava que o fazia por modéstia, mas a verdade é que nem os recursos milagrosos do alfaiate Camilo Rapozo conseguiriam que o

antigo fardão voltasse a emoldurar a robustez do vate: Fernandes engordara vinte quilos desde sua posse. Com fartos bigodes e barriga empinada, parecia irmão gêmeo do poeta Emílio de Menezes.

Para espanto geral, e contrariando o protocolo, o volumoso poeta iniciou a solenidade, privilégio do homenageado. As palavras com que recebeu Belizário Bezerra foram um primor de conciliação. Em duas horas de fraseados retumbantes, por várias vezes logrou elogiar o autor sem falar da sua obra. Ao terminar, citou apenas o último livro, *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*: finalmente, não poderia me furtar também ao panegírico da nossa altipensante instituição, que se demonstrou capaz de rir de soimême com a espirituosa trouvaille do insigne escritor, o qual levou o picaresco vilão de seu romance a nos envenenar a todos de uma vez. Oh, deliciosa burla! Oh, brilhante facécia! Como dizia Voltaire, "l'

humour est l'apanage de l'intelligence". Parabenizo o autor e a Academia. Bravo L'auteur! Bravo L'Académie!

Orador brilhante e histriônico, Euzébio foi brindado com aplausos calorosos.

10

Agora era a vez do novo acadêmico. Beluário preparara um texto com elogios bombásticos a Ruy Barbosa, falecido menos de um ano antes. A expectativa adensava-se, tornando-se quase palpável no Salão Nobre da nova Academia. O calor e o pesado fardão faziam-no transpirar abundantemente. Desdobrou as oito páginas do seu discurso, pigarreou para clarear a voz e disse:

- Não sei bem se tenho o direito de sentar-me na cátedra do tão excelso intelecto que aqui me precedeu. Sinto-me pequeno beija-flor à sombra das colossais asas da Águia de Haia. E com imensurável emoção...

Seguiu-se uma pausa, um tremor de mãos que muitos atribuíram ao nervosismo, e o senador Beluário Bezerra, o mais recente dos imortais, caiu fulminado no chão do Petit Trianon.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

